

A prosopografia ou biografia coletiva: limites, desafios e possibilidades.

CARLA BEATRIZ DE ALMEIDA*.

Introdução

O presente artigo tem por escopo refletir o ‘método da prosopografia’ ou biografia coletiva, pensando na sua aplicação na pesquisa histórica, constituindo um recurso para apreensão do papel histórico desempenhado por determinadas coletividades, bem como a sua contribuição para o estudo de História política, uma vez que, esse método tem encontrado espaço com ‘retorno’ da história política e permite revelar características comuns de determinado grupo social em dado período histórico, permitindo observar os grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com outros grupos e com o espaço de poder e portanto auxilia na compreensão de redes e configurações.

A Prosopografia como método aplicado á História.

A prosopografia ou biografia coletiva é um método que após a sua invenção (o termo remonta ao século XVI) foi muito praticado nos períodos de história Antiga e Medieval, contudo nos últimos anos esse método tem sido trabalhado em história moderna e contemporânea. Esse método tem uma base simples, qual seja, definir uma população a partir de um ou alguns critérios e estabelecer assim uma descrição bibliográfica cujas nuances possibilitarão traçar um perfil de sua dinâmica social, privada, pública, cultural, ideológica ou política.

Nesse ponto cabe a lição de Lawrence Stone, (STONE, 1971:46):

A prosopografia é a investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas. O método empregado é o de estabelecer o universo a ser estudado e formular um conjunto uniforme de questões – sobre nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posições econômicas herdadas, lugar de residência, educação, tamanho e origens das fortunas pessoais, ocupação, religião, experiência profissional etc. Os vários tipos de informação sobre indivíduos de um dado universo são então justapostos e combinados e, em seguida, examinadas por meio de variáveis significativas. Essas são testadas a partir de suas correlações internas e correlacionadas com outras formas de comportamento e ação.

□ UFJF, Bacharel e licenciada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Bacharel em Direito pela Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC/MG), Pós-graduanda em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: Educação para as Relações Étnico-Raciais pela (UFJF) e Mestranda em História pela UFJF na área de concentração em “História, Cultura e Poder”, onde é bolsista da CAPES.

Neithard Bulst (BULST, 2005: 50-51) fala da incerteza e insegurança para se designar 'o que significa prosopografia?': 'coleção e catálogo de todas as pessoas de um grupo definido temporal e espacialmente'; 'ciência auxiliar'; 'pesquisa e a representação da vida do homem individualizado de tempos passados'. Esse pesquisador atenta para o fato de que as definições de prosopografia são múltiplas, mas um elemento comum de quase todas as definições é a análise do indivíduo em função da totalidade da qual faz parte. A definição de Stone também abarca essa relação do indivíduo com a totalidade.

A crescente produção de história contemporânea ou de sociologia histórica utilizando o método prosopográfico se deve a razões intelectuais, novas técnicas que surgiram e do descrédito relacionado aos métodos estatísticos globais e da influência intelectual do marxismo, que privilegiou as classes sociais de grandes contingentes (operariado, camponeses, burguesia), e o interesse de aproximar da experiência individual e da diversidade das trajetórias sociais levaram os historiadores dos períodos recentes a praticar micro-história social, que requeria ter como método privilegiado a prosopografia ou biografia coletiva, bem como o uso generalizado da informática possibilitou a confecção de bancos de dados cada vez mais complexos e ricos.

O recurso a prosopografia foi concebido como uma mudança de perspectiva em relação à história social tradicional, pautada na documentação serial. Assim, os historiadores buscaram crescentemente conhecer de forma aprofundada as pequenas coletividades representativas de um problema.

Dessa forma as biografias coletivas permitem renovar as respostas das grandes questões da história social tradicional sem se trancar na estrutura pré-construída das fontes seriais e quantificáveis. Nessas novas abordagens, os grupos se definem por suas propriedades relacionais ou por suas imagens recíprocas, ou pela capacidade em impor uma imagem de si mesmo aos outros, nesse sentido, a noção de construção do objeto torna-se decisiva para os que trabalham com biografias coletivas.

É nesse ponto que Lawrence Stone levantou, a partir de 1971, as primeiras críticas ao método prosopográfico no que concerne os trabalhos de história moderna inspirados em Lewis Namier (CHARLE, 2006: 45): “os vieses das fontes oficiais sobre as quais repousam as biografias induzem uma visão parcial da realidade; a delimitação das populações é bastante arbitrária; os critérios definidos para as biografias são com

frequência redutores”. E tendo em vista essas críticas que conduziram a uma visão elitista dos grupos dirigentes e de suas relações com a sociedade.

Contudo essas críticas se validam somente se o historiador confundir o método com o seu fim e esquecer que o seu trabalho examina apenas uma fração da realidade, em função das fontes escolhidas e os limites do seu próprio questionário bibliográfico. O risco de cair nestas armadilhas é menor quando se trabalha com períodos recentes, onde os resultados das biografias coletivas podem ser confrontados com outras fontes e a diversidade das populações que podem ser estudadas vai bem além das elites antigas.

Os grandes riscos para o historiador que se vale do método prosopográfico seria a possibilidade de perda da dimensão coletiva da população que constitui o seu objeto, bem o reducionismo dessa população a simples somatório dos indivíduos que fazem parte dessa população. Para (CHARLE, 2006: 45):

O historiador prosopógrafo navega, todavia, entre dois rochedos: aquele da biografia indefinida de indivíduos (com o risco da perda da dimensão coletiva) e aquele, inverso, da ampliação das grandes amostras com as dimensões de toda a sociedade (com o risco de reduzir o questionário a sua mais simples expressão).

O método de investigação das características comuns do passado de um grupo de atores na história através do estudo coletivo de suas vidas, segundo Lawrence Stone¹, desde que corretamente aplicado, o método poderia ser usado como ferramenta para enfrentar dois problemas básicos relativos à pesquisa em história: a investigação das raízes da ação política – opções, relações, posicionamento, filiações econômicas e políticas, evitando-se as armadilhas usualmente colocadas pela retórica, que normalmente obscurece a análise do discurso político; e a análise da estrutura e mobilidade social em relação ao papel do grupo na sociedade, e especialmente as mudanças ao longo do tempo – a determinação do nível de mobilidade social pelo estudo das origens sociais e geográficas, a ascensão a determinado *status* político ou ocupacional, os reflexos dessa posição na carreira e os efeitos da manutenção dessa posição sobre a fortuna da família.

Os papéis desempenhados por esses atores possibilitam que estes sejam pensados a partir da recuperação de sua origem regional, formação, contexto familiar e

¹ Essa questão do método prosopográfico atacar dois problemas básicos da história, quais sejam, raiz da ação política e estrutura e mobilidade social foi trabalho por Lawrence Stone em seu artigo clássico intitulado *Prosopography* em 1971. Artigo este que oferece uma visão crítica sobre a origem, as limitações e perigos da prosopografia.

de sociabilidade, o espaço de sua ação e sua função dentro de uma sociedade, bem como sua atuação na administração pública, mas as trajetórias individuais não são o mais importante, o primordial e a grande preocupação é entender o conjunto/desenhar um perfil coletivo do grupo de atores.

A prosopografia não é algo novo, o que é novo a bem da verdade seria intensidade e o entendimento metodológico com os quais a prosopografia hoje é exercida na pesquisa histórica, mas não é só isso, mudaram-se as expectativas e os objetivos ligados à prosopografia como método aplicado à pesquisa histórica, bem como seus objetos.

A Prosopografia e o estudo da História Política.

Com a revitalização dos estudos de história política, o que tem sido chamado de ‘renovação’ da história política, ‘retorno’ do político se deve a crise dos paradigmas estruturalistas e as mudanças de orientações teóricas que assolaram as ciências sociais de modo geral. Esse processo trouxe consigo a emergência de novos objetos, métodos e abordagens, por exemplo, um ‘boom’ do uso das biografias e trajetórias que mostra a preocupação em pensar o papel do sujeito e do indivíduo na escrita da história e não ser uma descrição linear e sem relevância.

Assim, essa renovação deve ser pensada como um campo mutável através do espaço e do tempo, com fronteiras fluídas com outros campos da realidade social em especial as questões culturais, uma vez que as interpretações políticas podem tratar sobre fenômenos sociais conjunturais – centrados em eventos- e os sociais de longa duração – conformação de uma cultura política de um grupo.(GOMES,1996:) atenta para o fato de que os estudos políticos em perspectiva histórica são significativos na produção brasileira a partir dos anos 1960 e que o esforço de releitura da história política trouxe uma inovação profunda na construção de temas e escolhas teóricas e metodológicas. A título de curiosidade, na historiografia argentina, o século XIX tem sido o recorte favorito para essa renovação², configurando um projeto de uma história política do século XIX.

² Tese da pesquisadora Hilda Sabato abordada no artigo intitulado 'La política argentina en el siglo XIX: notas sobre una historia renovada. Ensayos sobre la Nueva Historia política em América Latina', s. XIX. México.

No entanto, cabe salientar que (RÉMOND, 1994: 4) não gosta dessa expressão, ‘retorno do político’, porque remete a uma restauração, segundo ele trata-se de uma coisa completamente nova, mas não resta dúvida que o ‘político foi para a frente do palco’. Esse processo da dimensão política dos fatos sociais começar a ganhar novos espaços é chamado por R. Rémond de ‘renascimento da história política’.

Segundo Rémond, o político sofreu um certo ‘descrédito’ resultante de vários fatores, quais sejam, uma reação natural, um fenômeno geracional, desconfiança em relação ao poder e a influência de uma filosofia que distinguia as verdadeiras realidades daquelas que, no fundo, não passavam de aparência. Também atenta para o fator de a história política ‘incomodar’, uma vez que, a mesma desorienta as explicações por causalidades mecânicas, já que a não linearidade do político incorpora uma noção de identidade coletiva (RÉMOND, 1996: 449-450): “o político é uma das expressões mais altas da identidade coletiva: um povo se exprime tanto pela sua maneira de conceber, de praticar, de viver a política tanto quanto por sua literatura, seu cinema e sua cozinha”, assim, a relação com o político pode mostrar, como a relação com outros comportamentos coletivos revelam.

No eixo da discussão sobre a renovação da história temos as posições de (GIRARDET, 1987) através do seu trabalho sobre o imaginário político, trazendo a importância dos mitos e mitologias políticas como ferramentas para entender a inteligibilidade das sociedades e pensando o político para além da ideia de acontecimento, incorporando a longa duração. E de (JULLIARD, 1988: 186-188) que atenta para o fato de não confundir o objeto com a insuficiência do método e incorporar a longa duração, encarando a temporalidade sob viés da permanência e não somente da mudança. Para (ROSANVALLON, 1995: 9-22), a esfera do político é o lugar da articulação do social e sua representação, assim com essa delimitação mais ampla da esfera do político permite novas alternativas para a pesquisa do político enquanto representação do social, propondo uma História Conceitual do Político.

Com o ‘retorno’ da história política tivemos um olhar voltado para o uso das biografias e trajetórias, preocupação em pensar o papel do sujeito, e como o indivíduo entra na escrita da história. Todos os que trabalham com biografias enfrentam o desafio de não cair em uma história cronológica e pouco problemática³, nesse sentido, a lição de

³ Os desafios de se trabalhar com biografia foi abordado por Sabina Loriga no texto intitulado ‘A

Pierre Bordieu⁴ de que enclausurar a existência em busca de uma improvável unidade de sentido e enquadrar a existência no sentido de uma mera sucessão de acontecimentos históricos coerentes constitui uma ingenuidade, sendo essencial reconstruir o contexto em que age o indivíduo.

Na perspectiva de Lawrence Stone (STONE, 1971:46-79) a prosopografia tem sido usada como uma ferramenta que ataca dois problemas básicos da história, primeiro, a 'raiz' da ação política e segundo a estrutura e a mobilidade social, inicialmente esta ferramenta foi inventada para ser usada pelos que trabalham com a história política, contudo tem começado a ser explorado pelos historiadores sociais.

No que concerne a questão da ação política, o método da prosopografia ajuda a identificar a realidade social e o grau e a natureza dos movimentos da estrutura social. De acordo com esse pesquisador a grande proposta desse tipo de pesquisa consiste em demonstrar a 'força coesiva do grupo' em análise, junto com a questão do sangue comum, da experiência, educação, interesses econômicos, ideais e ideologias.

Para Stone, a principal causa da proliferação de estudos de casos prosopográficos, nos Estados Unidos, se devem a grande influência da sociologia e da ciência política e do fácil acesso aos computadores, mas atenta para o fato de que a prosopografia como um método histórico é recente.

A priori, deve-se reunir a documentação, que é a parte mais longa do trabalho, o exame dos dados é feito posteriormente, podendo-se utilizar várias técnicas, quantitativas ou qualitativas, contagens manuais ou informatizadas, dependendo do objeto em análise. Assim, nos dizeres de (FERRARI, 2010: 541): “la prosopografía supone un momento artesanal que insume una enorme cantidad de tiempo en la búsqueda, identificación y recolección de la información”.

Esse método tem encontrado espaço com ‘retorno’ da história política, de acordo com (PUJOL, 2006:88):

Adquirió con ello carta de naturaleza la especialidad designada con expresiones como prosopografía, biografía colectiva o historia social de la administración. Este género ha merecido siempre la atención de las ciencias políticas y, más recientemente, de la cercana new political history.

biografia como problema’, sendo que esta autora destaca o grande desafio de não fazer uma história cronológica e pouco problemática.

⁴ A questão do perigo de enquadramento do objeto quando se trabalha com biografias foi trabalhado por Pierre Bourdieu no texto intitulado ‘A ilusão bibliográfica’.

O método prosopográfico permite revelar características comuns de determinado grupo social em dado período histórico, permitindo observar os grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com outros grupos e com o espaço de poder e portanto auxilia na compreensão de redes e configurações.

Conclusão:

Este trabalho se preocupou com a reflexão sobre o ‘método da prosopografia’ ou biografia coletiva, pensando na sua aplicação na pesquisa histórica (os riscos, as críticas, as contribuições e sua singularidade para os que se dedicam em pensar nos problemas da ação política, da estrutura social e da mobilidade social), bem como a sua contribuição para o estudo de História política e para conhecer de forma aprofundada as pequenas coletividades representativas de um problema.

Nesse sentido, percebemos como a prosopografia constitui um recurso para apreensão do papel histórico desempenhado por determinadas coletividades e permite revelar características comuns de determinado grupo social em dado período histórico, permitindo observar os grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com outros grupos e com o espaço de poder e portanto auxilia na compreensão de redes e configurações.

Vimos as críticas ao método prosopográfico como as questões das fontes oficiais utilizadas em biografias podem induzir uma visão parcial da realidade; a delimitação das populações é arbitrária; os critérios definidos para as biografias são com frequência redutores. Contudo essas críticas que conduziriam a uma visão elitista dos grupos dirigentes e de suas relações com a sociedade só se validariam se o historiador confundir o método com o seu fim e esquecer que o seu trabalho examina apenas uma fração da realidade, em função das fontes escolhidas e os limites do seu próprio questionário bibliográfico.

Assim, os papéis desempenhados pelos atores de um grupo social possibilitam que estes sejam pensados a partir da recuperação de sua origem regional, formação, contexto familiar e de sociabilidade, o espaço de sua ação e sua função dentro de uma sociedade, mas as trajetórias individuais não são o mais importante, o primordial e a grande preocupação é entender o conjunto/desenhar um perfil coletivo desse grupo.

Dessa forma notamos que o trabalho prosopográfico não é algo novo, o que é novo seria intensidade e o entendimento metodológico com os quais a prosopografia hoje é exercida na pesquisa histórica, mas não é só isso, mudaram-se as expectativas e os objetivos ligados à prosopografia como método aplicado à pesquisa histórica, bem como seus objetos.

Referências Bibliográficas.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

BULST, Neithard. **Sobre o objeto e o método da prosopografia**. In: Revista *Polítéia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista, vol. 5, nº 1, 2005, p. 49-50

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 41.

FERRARI, Marcela. **Prosopografia e historia política**: Algunas aproximaciones. In: *Antíteses*, vol. 3, n. 5, jan.-jun. de 2010 , p. 541.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **A nova “Velha História”**: o retorno da história política. Resenha de RÉMOND, René (org.). *Pour Une histoire Politique*. Paris: Sevil, 1988. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, p. 265-271, 1992, p.266.

GIL PUJOL, Xavier. **Tiempo de política**: perspectivas historiográficas sobre la Europa moderna. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2006, p.88.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro. **Política: história, ciência, cultura, etc**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 17, jan./jun., 1996.

JULLIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, J. & NORA, Pierre (org.). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p.186-188.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: a experiência da micro análise**, Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-250.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História política**. Tradução de Dora Rocha, Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. **Por que a História Política?** *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.7, nº 13, p.4, jan./jun, 1994.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas: a experiência da micro análise**, Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma História Conceitual do Político** (Nota de trabalho). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, nº30, 1995, p. 9-22 .

SABATO, Hilda. **La política argentina en el siglo XIX: notas sobre una historia renovada**. Ensayos sobre la Nueva Historia política em América Latina, s. XIX. México, El Colégio de México y Comitê Internacional de Ciências Históricas, p. 5.

STONE, Laurence. **Prosopography**. In: *Daedalus: journal of American Academy of Arts and Sciences*, vol. 100, nº 1, 1971, p. 46-79.